

# **GÊNERO FLUÍDO: A AUTOPERCEPÇÃO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DE GÊNERO FLUIDO NOS PADRÕES NORMATIVOS**

2019

**Ana Karla da Silva Barbosa  
Clara Barbosa da Silva  
Joicy Almeida da Silva  
Jonathan da Silva Gomes  
Suelen Karolaine Souza da Silva**

Estudantes da graduação em Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas de  
Olinda (FACHO), Brasil

Email:

[clarabarbosacs@gmail.com](mailto:clarabarbosacs@gmail.com)

---

## **RESUMO**

A sociedade atual propaga a ideia de que os órgãos definem se um indivíduo é “homem” ou “mulher”. Porém, a construção desses gêneros e vários outros é influenciada tanto por aspectos biológicos como aspectos sociais. O objetivo geral da pesquisa foi compreender como o indivíduo de gênero fluido constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos. Os seus objetivos específicos foram: a) analisar a construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos; b) investigar como acontece a construção da identidade de gênero de um sujeito de gênero fluido; e c) comparar a construção de identidade de gênero, dentro dos padrões normativos, com a construção de identidade de gênero fluido. Essa pesquisa é de cunho qualitativo, pois foi considerado como o método mais adequado para a compreensão dos fenômenos sociais e, como o foco dessa pesquisa é compreender a construção de gênero fluido dentro da normatividade, este é o método mais apropriado a ser utilizado. Como instrumento foi utilizada uma entrevista semiestruturada, com o objetivo de permitir aos entrevistados exporem o que o tema significa e representa para si, ou seja, o que pensam, o que creem e, mais importante, como esses indivíduos se veem perante a sociedade e dentro da mesma. Assim, foi possível obter resultados que responderam aos questionamentos abordados nos objetivos da pesquisa, percebendo como o social

influencia nessa construção de gênero impondo características que até mesmo o próprio indivíduo em construção, às vezes, desconhece.

**Palavras-chave:** Identidade, gênero, fluido, normatividade, sociedade.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



---

## 1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa almeja identificar como o indivíduo de gênero fluido constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos. Levando em consideração que na dimensão social, onde essa identidade é construída, há uma enorme escassez de informações sobre a identificação de gênero em questão, fazendo com que até os próprios indivíduos, não consigam identificar a maneira como isso acontece. Cada um de nós somos indivíduos únicos, possuímos nossas individualidades, mas em certos aspectos compartilhamos características como aspectos em relação ao país onde nascemos, religião, raça, classe social e etc. Uma das coisas das quais não somos iguais, é o nosso sexo biológico, que é determinado antes de nascermos, antes de termos a oportunidade de construir nossa identidade de gênero, porém desde crianças somos ensinados a agir e a nos vestir de acordo com nosso sexo biológico. Crescemos sendo limitados ao ensinamento de que “homens” se vestem e agem de tal modo, e que mulheres não podem ser iguais já que não vai de acordo com sua “natureza”.

Na atualidade, é frequente a discussão sobre gênero e, principalmente, sobre os padrões normativos impostos pela ordem patriarcal, que nos impõe o encaixe nos padrões “feminino” ou “masculino”. A sociedade atual propaga a ideia de que os órgãos genitais (sexo biológico) definem se um indivíduo é “homem” ou “mulher”, porém as construções desses gêneros têm influência tanto dos aspectos biológicos, quanto dos aspectos sociais. Obviamente “homens” e “mulheres” (*como definido socialmente*), biologicamente, não são iguais, mas é exatamente neste ponto que a construção de identidade de gênero se destaca já que é um fator de constructo social que pode fugir desse binarismo “homem” e “mulher” devido a existência de indivíduos com identificações de gênero como os agêneros, os transgêneros, os andróginos e os de gênero fluido, entre vários outros que fazem parte da classificação não-binária.

Tendo como foco desse estudo os indivíduos de gênero fluido, que estão constantemente indo contra os padrões normativos, buscando construir sua identidade de gênero, o problema de pesquisa que essa pesquisa almeja responder é: Como um sujeito de gênero fluido constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos?

Essa pesquisa tem como objetivo geral: compreender como o indivíduo de gênero fluido constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos. E, os objetivos específicos são: a) analisar a construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos; b) investigar como acontece a construção da identidade de gênero de um sujeito de gênero fluido; e c) comparar a construção de identidade de gênero, dentro dos padrões normativos, com a construção de identidade de gênero fluido.

O interesse pelo tema surgiu devido às inúmeras pesquisas e leituras, que evidenciaram a escassez da abordagem deste assunto em específico, expondo que a grande maioria busca exibir a construção de identidade de gênero apenas dos gêneros não-binários mais evidenciados na sociedade atual relacionados à orientação sexual que está tendo destaque como é o caso dos sujeitos que têm sua orientação sexual homossexual. Atualmente a sociedade está começando, um pouco tardiamente, a abordar essas questões de gênero de forma mais profunda, trazendo, de certa forma, esses indivíduos para o “mundo real”, tirando-os do anonimato que a normatização social imposta pelos cisgêneros binários (aqueles que se identificam, nos aspectos gerais, com o seu “gênero de nascença”) os colocaram, não de forma totalmente consciente já que a grande maioria acaba sendo leiga sobre esse assunto. Daí a justificativa para esse estudo.

Como contribuição para a psicologia justifica-se a importância desse estudo na dimensão social já que é necessária a conscientização da sociedade perante um assunto tão complexo, exigindo uma preparação social para trabalhar esses novos conceitos de gênero que vem surgindo com o passar do tempo, já que a construção de identidade de gênero é um processo que se desenvolve por toda a vida. Na dimensão científica, visa contribuir com o avanço nessas questões de gênero abordadas nos últimos tempos, onde, talvez devido às comprovações científicas, estudos focados nesse tema, seria possível a melhor aceitação social desses indivíduos que fogem da padronização binária normativa imposta há muito tempo, esquecendo das novas construções de identidade de gênero que surgem e que irão surgir por toda a vida, além de contribuir no aumento da literatura científica sobre o tema em questão.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1. Análise da construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos

A construção de identidade de gênero não-binário vem sendo discutida durante muito tempo, apesar de ter ganho um enfoque maior atualmente devido ao distanciamento da caracterização de gênero não-binário da normatividade. Freitag (1992) destaca a necessidade internalizada socialmente de agir de acordo com os padrões normativos, desde a infância, ressaltando que a socialização é uma espécie de programa que condiciona o ser humano para atender as necessidades sociais, aproveitando-se da fragilidade infantil do sistema de personalidade em construção. Cada sociedade possui seu padrão único de organização, é possível encontrar os hábitos coletivos, que são geradores da normatividade de certos comportamentos, vestimentas e gêneros, fazendo com que exista uma necessidade social de que as pessoas os repitam.

Antes de tudo, é necessário entender como o termo “gênero” se diferencia tanto do conceito de sexo, deixando claro como os dois podem ser considerados realidades completamente diferentes, sendo biológico ou social. A esse respeito Scott (1995) declara:

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. Aquelas que estavam preocupadas pelo fato de que a produção de estudos sobre mulheres se centrava nas mulheres de maneira demasiado estreita e separada utilizaram o termo “gênero” para introduzir uma noção relacional em nosso vocabulário analítico. Segundo esta visão, as mulheres e os homens eram definidos em termo recíprocos e não poderia se compreender qualquer um dos sexos por meio de um estudo inteiramente separado (SCOTT, 1995, p. 72).

Levando em consideração as ideias de Scott (1995), é possível perceber que desde o início do movimento, que começou com as mulheres feministas, a forma como a feminilidade e a masculinidade eram pré-determinadas pela sociedade maioritariamente pelo sexo biológico, sendo o termo “sexo” uma rotulação que faz com que o sujeito se distancie daquilo com que ele se identifica, enquanto o termo “gênero” evita essa rotulação permitindo que o sujeito se sinta livre para se identificar com o que melhor lhe convém. É visto com clareza as razões que levaram a separação do termo “gênero” observando seu desvio considerável do termo “sexo”, ou seja, é

visível o condicionamento social, que objetiva a construção de nossa identidade de gênero de acordo com as regras impostas pela sociedade. Sobre isso, Butler, que diz que:

Quando a “cultura” relevante que “constrói” o gênero é compreendida nos termos dessa lei ou conjunto de leis, tem-se a impressão de que o gênero é tão determinado e tão fixo quanto na formulação de que a biologia é o destino. Nesse caso, não a biologia, mas a cultura se torna o destino (BUTLER, 2003, p. 26).

Abordando desse modo, o corpo acaba sendo visto como algo passivo, o qual também recebe a influência dos fatores culturais, ignorando os fatores biológicos, vendo o corpo como um instrumento para essa construção de identidade de gênero, como algo apenas performativo, mas de fato o corpo é realmente um instrumento dessa construção, afinal o sexo já é determinado ao nascer, mas o gênero é construído ao longo de toda a vida. Devido a esses padrões normativos torna difícil a identificação desses sujeitos de gênero fluido, já que a sociedade nos impôs limites. De acordo com Butler:

Tais limites se estabelecem sempre nos termos de um discurso cultural hegemônico, baseado em estruturas binárias que se apresentam como a linguagem da racionalidade universal. Assim, a coerção é introduzida naquilo que a linguagem constitui como o domínio imaginável do gênero (BUTLER, 2003, p. 28).

A cultura condiciona e determina a definição de sexo e de gênero estipulando padrões a serem seguidos para que as pessoas se encaixem em um determinado sexo e/ou gênero, ou seja, tais definições são construídas socialmente e, portanto, podem ser livres ou fixas dependendo do discurso que os legitimam. Entretanto, partindo das concepções da sociedade atual, tais concepções voltam-se para o binarismo que determina padrões voltados às características que são esperados de corpos femininos e masculinos (BUTLER, 2003).

Sendo assim, o binarismo polariza os corpos e é a partir disso que o gênero binário se manifesta, ou seja, as características secundárias dos corpos femininos e masculinos passam a determinar o que é ser homem e o que é ser mulher. Por exemplo, a sociedade pressupõe que homens são sujeitos racionais, viris e fortes fisicamente, então para ser homem o sujeito deve seguir as características que a sociedade impõe, pois, essas características são consideradas essenciais para construir em um campo simbólico o que significa ser homem (PINHO E REIS, 2016).

Devido às imposições sociais, um indivíduo ao se afirmar como sujeito pode optar por fugir da liberdade construtiva de si para se constituir como coisa dentro da normatividade social porque

aceitar-se como algo dentro do padrão da normatividade, mesmo que cause angústias e conflitos consigo mesmo, é mais entendível socialmente do que ir contra ao que a sociedade impõe. Sendo assim, a construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos acaba sendo algo natural, algo que vamos sendo condicionados a seguir desde que nascemos, de forma inconsciente, para esses sujeitos que se encaixam nesse processo normativo (BEAUVOIR, 1970).

Não em total oposição a essa construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos, mas sim em conjunto com ela, vem a forma como acontece a identificação de um sujeito de gênero fluido. Já tendo conhecimento das implicações do binarismo normativo, será abordado a seguir a forma como acontece a identificação de um sujeito de gênero fluido com essa combinação de binarismo e não-binarismo.

## **2.2. O sujeito de gênero fluido**

“Ninguém nasce mulher: torna-se mulher” (BEAUVOIR, 1967, p. 9). Essa é uma das famosas frases da autora citada que destaca essa construção de identidade e o determinismo social perante o sexo biológico. Nesse caso é importante ressaltar o ponto em que sexo e gênero possuem posições completamente diferentes, ou seja, um gênero “feminino” poderia vir de um corpo “masculino” e vice-versa já que não se nasce “mulher” e sim, torna-se. Mas não devemos qualificar o gênero no sentido apenas binário, de apenas duas categorias, “homem” e “mulher”, já que o indivíduo tem a possibilidade de interpretar o gênero além de “masculino” e “feminino”. De acordo com Butler (2003, p. 28) “(...) o gênero pode ser compreendido como um significado assumido por um corpo (já) diferenciado sexualmente; contudo, mesmo assim esse significado só existe em relação a outro significado oposto”.

Em consonância, Beauvoir (1980) afirma que o gênero não é apenas natureza (sexo), mas a natureza submetida ao social que se significa dentro das questões individuais de cada sujeito. Dessa forma, mesmo que o social dite que é necessário seguir como identidade de gênero o nosso sexo biológico, a identidade de gênero está submetida a características que vão muito além disso porque não é a natureza que cria valores e não é nela que se refletem os desejos e temores. Sendo assim, a identidade de gênero está sujeita a uma construção que levará em consideração questões ligadas ao social e ao individualismo de cada sujeito, ou seja, seus valores, desejos, temores, personalidade.

Ainda partindo da visão de Beauvoir (1980), o sujeito se identifica com um gênero à medida que ele se sente esse gênero, ou seja, “a mulher é uma fêmea na medida em que se sente fêmea” (p.59). Com isso, é possível entender que para uma pessoa se identificar com um gênero, ela precisa o significar em sua afetividade. Isso se dá porque uma vida é uma relação com o mundo e é através das escolhas que esse indivíduo faz através do mundo que ele define sua identidade. Dessa maneira,

há diversas possibilidades de identidades de gênero e não somente o binarismo, assim como Butler (2003) afirma quando diz que o gênero é performático e múltiplo e se representa através de ações sociais e não como identidades absolutas, permitindo assim a desconstrução da aparente evidência do sexo biológico como determinante das identidades de gênero.

Apesar do sistema normativo de construção de identidade de gênero ser dominante, os indivíduos que se identificam com gênero fluido também possuem seu espaço, possuindo essa fluidez entre o “neutro”, “feminino” e “masculino”. O que esclarece a ideia de Aguiar (1997, p. 63) de que “essa fluidez e mutabilidade orientam as possibilidades das identidades de gênero que se conformam, temporariamente, delimitando o tipo de ação. As pessoas contêm dentro de si múltiplas identidades.”

Nesse caso é possível entender o gênero como um fator flutuante entre os polos que envolvem o binarismo e o não-binarismo, não necessariamente tendo que haver uma fixação, assim como Butler confirma em:

Mesmo que os sexos pareçam não problematicamente binários em sua morfologia e constituição (ao que será questionado), não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois. A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito (BUTLER, 2003, p. 24).

Como já citado anteriormente, o sexo determinado ao nascer não interfere diretamente na construção de identidade de gênero imposta socialmente, ou seja, os indivíduos que se identificam como gênero fluido vão completamente contra o determinismo social. Em consonância com isso, Butler (2003) diz que a partir do momento que aquele constructo social de identidade de gênero vai sendo teorizado de forma independente do sexo, o próprio gênero se torna algo flutuante (fluido). Assim, conseqüentemente, fazendo com que “homem” e “masculino” possam facilmente se identificar tanto em um corpo “feminino” como em um “masculino”, e “mulher” e “feminino” se identificar tanto em um corpo “masculino” quanto em um “feminino”. Sendo assim a ideia de Butler diz que:

Os limites da análise discursiva do gênero pressupõem e definem por antecipação as possibilidades das configurações imagináveis e realizáveis do gênero na cultura. Isso não quer dizer que toda e qualquer possibilidade de gênero seja facultada, mas que as fronteiras analíticas sugerem os limites de uma experiência discursivamente condicionada (BUTLER, 2003, p. 28).

A construção de identidade de gênero é algo individual, cada sujeito possui sua concepção, até mesmo aqueles que a construíram dentro da normatividade, mesmo que eles tenham sido condicionados a seguir um padrão, eles acabam por possuir uma interpretação individual, por isso, atualmente, é cada vez mais crescente a diversidade de gêneros. Os sujeitos de gênero fluido surgiram nesse meio, tentando construir sua identidade de gênero através de fragmentos gerados pelos padrões normativos, absorvendo aspectos “femininos”, “masculinos” e “neutros”, transitando entre eles e não tendo uma definição que se encaixe dentro dos padrões normativos. Nesses casos não é necessário que se busque definir um posto de “feminilidade” ou “masculinidade”, é importante a compreensão e aceitação do próprio indivíduo, durante essa instabilidade e variação, tendo que deixar completamente de lado a comodidade que os padrões normativos estabelecem. A esse respeito é preciso considerar que:

Pois se o gênero construído é tudo que existe, parece não haver nada “fora” dele, nenhuma âncora epistemológica plantada em um “antes” pré-cultural, podendo servir como ponto de partida epistemológico alternativo para uma avaliação crítica das relações de gênero existentes. Localizar o mecanismo mediante o qual o sexo transforma-se em gênero é pretender estabelecer, em termos não biológicos, não só o caráter de construção de gênero, seu *status* não natural e não necessário, mas também a universalidade cultural da opressão (BUTLER, 2003, p. 67).

Ou seja, o padrão da normatividade é o mecanismo que transforma automaticamente o sexo determinado ao nascer no patamar inicial para a construção de gênero, já que é a partir dele que o sujeito de gênero fluido vai começar sua construção. Encaixado em um padrão enquanto seu gênero fragmentado vai se constituindo aos poucos, já por outro lado as constituições de um gênero binário normativo conseguem se extravasar mais através da materialidade do corpo, por meio das características secundárias que a cultura impõe como “masculino” e “feminino”, como roupas, comportamento, o corpo e, principalmente, o sexo biológico. Desse jeito é reforçado a desigualdade, fazendo com que as relações de gênero sejam estruturadas a partir da diferença sexual. Scott (1995) nos esclarece de que forma esses conceitos são mostrados:

Conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino (SCOTT, 1995, p. 86)



Ou seja, o que fixa essa construção de identidade de gênero normativa é a repetição de costumes, e o contraposto a fixação dessa normatividade torna possível ultrapassar esses costumes e gerar uma nova construção de identidade de gênero que vai além de aspectos biológicos e determinismos sociais e que alcance concepções que superem essa normatividade imposta.

Já entendendo como a construção normativa de identidade de gênero acontece e sabendo como ocorre a construção da identidade de gênero fluido de um sujeito, é importante a comparação entre a construção da identidade de gênero dentro dos padrões normativos e a construção de identidade de gênero fluido para que seja possível uma percepção mais apurada de como aconteceria essa construção de uma identidade de gênero fluido, mesmo que dentro dos padrões normativos.

### **2.3. Comparação da construção da identidade de gênero dentro dos padrões normativos com a construção de identidade de gênero fluido**

Existem diferentes combinações possíveis quando se trata de identidade de gênero e isso é devido às diferentes formações combinatórias entre o sexo biológico, a construção social e aos aspectos psíquicos, sendo essas combinações permeadas pelos valores concebidos dos padrões normativos, entretanto isso faz com que se vá além das identidades de gênero binárias. Um indivíduo de gênero fluido não nasce com seu gênero definido, mas de antemão nasce com o seu sexo determinado por conta do seu órgão biológico, ou seja, um corpo sexuado onde é imposta uma categoria social em forma de função, e a partir disso ele tem que começar essa construção.

Enquanto um sujeito dentro do sistema binário normativo identifica-se com aquele seu sexo determinado ao nascer e não se preocupa em ter que construir sua identidade de gênero de outro modo, além daquela que foi modelada desde sua infância, porque a sua construção é determinada a partir de aspectos culturais e não pelo biológico, diferente do sujeito de gênero fluido que não é determinado ao condicionamento cultural e por conta disso é segregado pela sociedade como um marginal que causa uma desestruturação patriarcal que o social impõe. Isso porque o gênero é algo construído pelo social tendo como finalidade unir o gênero com o sexo, ou seja, é clara a diferença de construção entre as duas situações.

O binarismo vem de um determinismo biológico no qual os corpos são divididos em macho ou fêmea e essa estrutura é resultado de uma construção sociocultural dos gêneros. De acordo com Segato (1998), essa estrutura dual é advinda das características tipicamente atribuídas à “primeira cena” (relação de pai e mãe e seus papéis masculinos e femininos respectivamente) que é apresentada ao indivíduo em que os papéis de homem e mulher já estão estabelecidos. Em contrapartida, o sujeito de gênero fluido, flutua entre as nuances desse processo a partir do

momento que rejeita esse determinismo biológico e se significa, e se identifica, a partir de suas experiências e transpassa toda essa normatividade.

“Ser homem implica em não ser mulher, em rejeitar todo e qualquer marcador identitário inscrito no universo feminino” (PINHO E REIS, 2016, p. 11). Levando em consideração essa citação é possível ver que o gênero binário normativo acabando sendo o oposto daquele outro, ou seja, se o indivíduo se identifica como “homem” ele irá evitar todos os aspectos que irão lhe fazer construir sua identidade de gênero como “mulher” e seu foco principal serão os aspectos “masculinos” e o mesmo acontece com as mulheres com as características contrárias. Enquanto os sujeitos de gênero fluido não vão se focar em apenas aspectos “masculinos”, mesmo que o seu sexo determinado ao nascer seja esse, mas sim em ambos os aspectos e fazendo a construção de identidade de gênero do seu modo, mesclando as características dos gêneros na performatividade dos gêneros que ele desejar.

O gênero pode ser compreendido como um campo neutro anterior à cultura, e a cultura age sobre esse campo. Em consonância, Butler (2003) afirma que o gênero pode ser um aparato de produção através do qual os sexos são estabelecidos. Dessa forma “o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza” (p. 7), o gênero é o significado cultural pelo qual o sexo natural da pessoa é estabelecido como uma forma pré-discursiva anterior à cultura, sobre a qual a cultura tem efeito. Sendo assim, o sujeito de gênero fluido rejeita a ideia de determinismo biológico para que sua identidade de gênero possa ser construída.

De acordo com Fauto-Sterling (2006), a socialização é de extrema importância porque ela auxilia no melhor entendimento da própria identidade de gênero e enquadramento social. Isso se dá devido ao fato de que as identificações geralmente acontecem por comparação de histórias de vida. Também se pode pensar que as formas de expressão e de identificação são muitas vezes maneiras de resistências a um padrão em que essas pessoas não estão contempladas.

Devido a essa oposição às maneiras de construção de gênero dentro da normatividade estabelecida, o sujeito de gênero fluido tenta buscar saídas para evitar conflitos, tanto interpessoais como intrapessoais. Quando se está indo contra ao que é dito ‘normal’, é comum conflitos consigo mesmo acerca do receio de estar fazendo a coisa errada, já que o padrão estabelece características a serem seguidas e a pessoa não está cumprindo com essas características, por isso, angústias e medos podem ser resultados dessas situações. Quanto a conflitos interpessoais, é fácil notar que há o fato de que, quando se está indo contra ao padrão, contra à normatividade, críticas e conflitos de interesses e ideologias são recorrentes. Tudo isso pode ter consequências na vida de um sujeito que está construindo sua identidade de gênero fluido que vai contra os padrões da normatividade.

A identificação de gênero pode passar velada durante uma parte da vida por fatores, como já foi mencionado anteriormente, que vão do âmbito individual, por não entenderem em determinados

momentos o que está acontecendo com a sua construção da identidade de gênero, devido ao fato de rejeitar a normatividade, até conflitos coletivos quando o ambiente no qual o sujeito está inserido gera uma influência forte para a normatividade binária. Sendo esses dois fatores fortemente relacionados, onde os conflitos de ordem coletiva afetam os conflitos de ordem individual e vice-versa (HEILBORN, 2002).

“Os gêneros distintos são parte do que “humaniza” os indivíduos na cultura contemporânea” (BUTLER, 2003, p.199). É possível observar que a construção de identidade de gênero é determinante para o esclarecimento das individualizações até mesmo numa sociedade que impõe comportamentos, ou seja, isso gera compreensão para com essas construções de gênero distintas. Portanto não se trata do fato de rejeição de gêneros opostos, um gênero determinado ao nascer não vai, conseqüentemente, evitar características do outro gênero, mas sim gerar uma forma diferente de construção de identidade de gênero para cada indivíduo.

### 3. METODOLOGIA

Segundo Gil (2008), método é a direção necessária para que se possa chegar ao determinado objetivo, ou seja, é um bloco de técnicas para se atingir o conhecimento científico, classificado em dois grupos, um que proporciona as bases lógicas da investigação científica e a outro esclarece os procedimentos que serão utilizados.

Nesta pesquisa foi utilizado o método qualitativo, pois segundo Minayo (1997), é o método mais adequado para a compreensão dos fenômenos sociais e, como o foco dessa pesquisa é compreender a construção da identidade de gênero fluido dentro da normatividade, este é o método mais apropriado a ser utilizado. Este método se diferencia do método quantitativo, porque não quantifica os fenômenos estudados, devido a sua complexidade, e não manipula tais fenômenos, pois se preocupa mais com o processo do que com o resultado.

Ainda de acordo com Minayo (1997), a pesquisa qualitativa é realizada *in loco* (no ambiente natural) e o pesquisador é da mesma natureza do seu objeto de pesquisa. Dessa forma, a pesquisa qualitativa não busca a neutralidade porque o pesquisador é agente no seu objeto de estudo. Esse tipo de pesquisa também se caracteriza por ser essencialmente qualitativa, pois responde a questões muito particulares que levam em consideração aspectos como religião, orientação sexual, cultura dentre outros.

Os dados coletados deste tipo de pesquisa são predominantemente descritivos, visto que busca relatar características dos fenômenos sociais por meio de descrição das pessoas, depoimentos, entrevistas e acontecimentos para que seja possível a compreensão dos significados

que as pessoas atribuem às questões que lhes são apresentadas. A análise desses dados tende a seguir o método indutivo de compreender o fenómeno estudado, isso significa que o pesquisador não se preocupa em comprovar, com os resultados, as hipóteses pré-estabelecidas diferente do método quantitativo.

O presente estudo teve como proposta de análise de dados a análise crítica que, segundo Lopes (2005), é constituída por processos técnicos de organização e classificação dos dados coletados e por processos analíticos para a produção do objeto empírico. Para tal, esta pesquisa utilizou métodos técnicos descritivos. Tais métodos são: entrevistas e levantamento de materiais coletados com os entrevistados. Esses dados foram submetidos a uma análise crítica e as conclusões foram expostas com a apresentação de um resumo das análises mais importantes expondo as limitações e recomendações.

A coleta de dados foi realizada através de uma entrevista semiestruturada com dez perguntas, referentes à autopercepção desses indivíduos sobre a construção de identidade de gênero fluido dentro dos padrões normativos. A entrevista foi realizada em Olinda, Jaboatão dos Guararapes e em Camaragibe, 3 das 5 entrevistas foram realizadas pessoalmente e as outras 2 foram realizadas por e-mail devido às consequências da greve dos caminhoneiros que dificultou a deslocação dos entrevistados e dos pesquisadores. Foram entrevistados 5 sujeitos entre 18 e 26 anos que se identificam como indivíduos de gênero fluido.

A entrevista é um instrumento flexível de avaliação que possibilita obter informações a respeito de determinado tema, de forma que as respostas possam ser desenvolvidas mais abertamente pelos indivíduos entrevistados. A entrevista proporciona que o sujeito entrevistado exponha a forma que ele significa o fenómeno abordado, ou seja, o que sentem, o que pensam, o que creem e o que esperam sobre o assunto (ALMEIDA, 2004).

Nesta pesquisa o fichamento de leitura também foi um instrumento utilizado. O fichamento, quando é bem feito, faz com que o pesquisador ganhe qualidade e tempo no desenvolvimento de sua pesquisa. Isso é possível porque, o fichamento evita problemas comuns como o esquecimento da autoria de uma citação, ou de referências bibliográficas ou a possível indisponibilidade de uma informação de um periódico ou livro que foi emprestado, que normalmente acontecem na elaboração de pesquisas. Ele também é feito para tornar práticos a consulta e o entendimento de conteúdos de alguma obra (GIL, 2008).

Os materiais utilizados foram: caneta, lápis, papel, impressora, computador, gravador de voz, roteiro da entrevista impresso em papel A4 e Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) impresso e assinado pelos pesquisadores e pelos entrevistados, além de artigos e livros que possuem conteúdos sobre o tema proposto.

#### 4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Esta pesquisa teve como objetivo identificar como um sujeito de gênero fluído constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos, sendo assim foram realizadas 5 entrevistas semiestruturadas das quais foram possíveis serem observadas certas semelhanças e divergências entre os entrevistados, devido às diferentes perspectivas sobre o assunto.

A construção de identidade de gênero é um processo gradual e individual. Com a realização das entrevistas foi possível perceber que a maioria dos entrevistados ressalta a preferência por se identificar como um indivíduo não binário, ou seja, fora desse constructo social binário de “homem” e “mulher”. Segundo o entrevistado D: *“Eu comecei a me identificar com a não binariedade e quando eu comecei a me identificar ainda não foi como pessoa trans, porque eu achava que o peso da palavra transexualidade era uma coisa muito forte e negativa e eu negava essa questão da palavra trans para mim, então eu comecei a falar que sou um homem não binário, porque até aí seria mais aceitável, mais leve. [...] Se eu falar que sou uma pessoa trans é porque eu vou querer botar peito, retirar a genitália etc. E eu não me identifico com isso”*. Essa resposta reforça a ideia de Joan Scott (1995) que traz termo “sexo” como uma rotulação que faz com que o sujeito se distancie daquilo com que ele se identifica, enquanto o termo “gênero” evita essa rotulação. O entrevistado também esclarece a diferença entre sexo e gênero, já que a transexualidade, para os leigos sobre o assunto, pode se assemelhar a essa mudança de gênero que ocorre em sujeitos de gênero fluído, porém transexualidade é mais associado ao fator do corpo sexuado.

Trazendo a perspectiva da construção da identidade de gênero dentro da normatividade, o entrevistado C disse: *“Quando eu era criança, eu vivia muito mais com meu pai, então não tinha frescura nenhuma, eu usava aqueles bermudões de time, relógio de plástico, cabelo não penteado, brincando de dragonball z, assistindo desenho. [...] Eu sabia que era uma menina, mas sempre queria ser um menino, entre aspas. [...] eu sempre ficava com os meninos [...], mas eu tinha a necessidade social de ficar com as meninas. [...] Então foi tendo esse conflito entre eu quero ser assim, mas eu não posso ser assim, então eu fui sentindo a sociedade me empurrando para o lado feminino”*. Fazendo a articulação com a teoria estudada, é possível perceber dois pontos importantes nessa resposta, o primeiro é a ideia de Freitag (1992) que ressalta a socialização como uma espécie de programa que condiciona o ser humano para atender as necessidades sociais aproveitando-se da fragilidade infantil do sistema de personalidade em construção. Que foi justamente o processo pelo qual a entrevistada passou no processo de rejeição de seu constructo “masculino” para poder corresponder às exigências sociais sobre si, mesmo que ela tenha tido certa

liberdade para sua construção de identidade de gênero, posteriormente ela sentiu a necessidade da demanda social que lhe era exigida. A partir disso, é possível, também, trazer a ideia de Beauvoir (1970), pois devido às imposições sociais, um indivíduo ao se afirmar como sujeito pode optar por fugir da liberdade construtiva de si para se constituir como coisa dentro da normatividade social. Isto é, mesmo que o processo de internalização normativa cause angústias e conflitos consigo mesmo, é mais conveniente corresponder a esta demanda social do que se voltar contra ela.

É evidente como o processo normativo de construção de identidade de gênero é dominante, mas ainda assim, graças à individualização desta construção de gênero, os indivíduos de gênero fluido conseguem realizar internalizações de constructos mesmo que normativos, o entrevistado D esclarece: *“minha mãe, justamente, foi uma figura muito feminina, eu sempre me identifiquei muito mais com ela do que com o meu pai, que é uma figura extremamente masculina. [...] Pra mim, a normatividade eu tenho como a representação do meu pai”*. Neste caso, o pai é visto como a imposição da normatividade, que também faz parte da sua construção de gênero, já que ele tem a possibilidade de performar tanto a masculinidade quanto a feminilidade, ou seja, ele conseguiu introjetar os aspectos masculinos mesmo que sendo percebido como algo dentro da sociedade normativa, e ainda por cima por ter a figura feminina como forma prioritária de identificação. Que também pode ser vista pelo relato do entrevistado C, que ao contrário, passou a maior parte de seu tempo com o pai, introjetou características do constructo masculino, mas também teve capacidade de absorver aspectos femininos na sua construção de identidade de gênero: *“Eu percebi que eu não estava conseguindo me encaixar [...] até que um dia eu percebi que eu sou uma pessoa que fica variando entre os gêneros. [...] E eu não ligo se uma pessoa me chama de ‘ela’ ou ‘ele’, porque pra mim é uma coisa que não faz diferença”* nesta resposta do participante C é possível perceber como que, para um indivíduo de gênero fluido, o gênero é um fator flutuante que não precisa necessariamente de uma determinação, e que apesar do sexo determinado ao nascer e a sociedade exigir que a performance seja equivalente ao corpo sexuado, cada indivíduo vai realizar sua performance de gênero do modo que lhe convém.

O participante C trouxe o relato: *“quando eu era criança, eu vivia muito mais com o meu pai porque a minha mãe, ela é enfermeira, e a minha casa é bem fora dos padrões, né. Minha mãe é enfermeira e meu pai é músico, e aí que ela trabalhava em Alagoas e eu ficava sempre com ele. Então eu não tinha frescura nenhuma [...], brincava de dragonball Z, e ouvindo Raul Seixas. E aí que eu fui crescendo, e meu pai é muito aberto”*. Nesse depoimento, pode-se ver que, nesse caso, a família não estabeleceu os papéis “dona de casa” (papel feminino) e “provedor da família” (papel masculino) que são socialmente postos às mulheres e homens, respectivamente. Segato (1998) diz que essa dualidade vem das características vindas da primeira cena (pai e mãe) e aos papéis sociais masculinos e femininos que são socialmente impostos a essas pessoas. Com isso, é possível notar

que, pelo menos na maior parte do tempo da sua infância, a entrevistada C não conviveu com a estrutura dual de identidade imposta pela sociedade, dentro da sua casa.

Quanto aos conflitos internos e externos que os participantes passaram antes de construírem sua identidade de gênero atual, foi possível perceber que eles não se sentiam incluídos, de forma geral, dentro de suas famílias e amigos mais próximos devido às suas diferenças identitárias assim como relata o participante M: *“era tão confuso até eu me encontrar ou tentar começar a me encontrar, me entender, na verdade, porque eu cresci com meus primos heteros todos, claro. São três primos e por mais que eu brincasse sempre com eles, eu nunca me sentia pertencente desse meio, sabe, cem por cento. Mas, também quem me criou foi minha vó e minhas tias porque minha mãe trabalhava e tal [...] mas, eu também não me sentia cem por cento pertencente aquele meio feminino, sabe [...] e como minha família toda era da Assembléia, foi bem confuso pra mim porque em toda essa trajetória eles me viam como uma pessoa do mundo, porque eu não me via como homem, também não me via como mulher e se eu não era homem e nem mulher eu era quem? Sabe, eu era um pecador otário que tava na porta do inferno porque era assim que eu me via mediante ao que eu ouvia entre meus familiares”*. O entrevistado relatou que sua mãe falou *“que palhaçada. Ou é viado ou não é”* quando ele conversou com ela a respeito de sua identidade de gênero. Com esses relatos é notório perceber o quanto a família tem influência e importância no processo de construção de identidade de gênero, assim como afirma Segato (1998).

Sobre a necessidade de atender às demandas sociais impostas por essa dualidade de identidade de gênero, a entrevistada C disse: *“aí vai chegando a parte que vão se dividindo em grupos (na escola) [...] e eu tinha a necessidade social de ficar com as meninas, e aí eu ia ficar com as meninas [...] e me ensinaram a pentear o cabelo, foi uma grande... um grande aprendizado na minha vida, acho que é por isso que hoje eu só uso cabelo curto e as meninas começaram a me maquiar e eu não gostava, era bem ruim.”* A partir desse relato, pode-se pensar no que Pinho e Reis (2016) trazem sobre a imposição da binariedade que a sociedade faz, que ser homem, quer dizer rejeitar todo e qualquer aspecto identitário que esteja presente no universo feminino, ou seja, se você é mulher, você só pode se apropriar de características do universo feminino, assim como se você for homem só poderá se identificar com os aspectos ligados à masculinidade.

Ainda a respeito de atender às demandas sociais, Fauto-Sterling (2006) afirma que a socialização auxilia no processo de identificação de gênero e enquadramento social, pois, a maioria das construções de identidade de gênero acontece por comparação de condutas e histórias de vida, a partir dessa visão foi possível perceber que os participantes D e I antes de se perceberem como indivíduos de gênero fluido, eles se enxergavam como gays porque era o que mais saía do convencional ditado socialmente, era também o que mais se encaixava com as condutas femininas que eles performavam, dentro das opções impostas a eles e, devido ao fato da necessidade que a

sociedade tem de rotulação assim como o entrevistado D relata no seu discurso acerca de como ele se percebia antes de se identificar como gênero fluido: *“tinha a questão de como as pessoas me viam [...], por exemplo, se for uma pessoa extremamente afeminada e for um homem biológico as pessoas vão dizer logo ‘ah é viado, é gay’. E daí, era o que era posto pra mim, né, esse termo que era o mais conhecido e tal e foi quando eu disse ‘ah, então eu sou gay’.*” Dessa forma, é possível perceber que a construção de identidade de gênero é ditada pela sociedade, onde padrões são impostos e devem ser seguidos, assim como afirma Beauvoir (1970).

Em relação a como os participantes se enxergavam depois da construção de suas identidades de gênero dentro da normatividade, os candidatos relataram se sentirem melhores, assim como o entrevistado E declara: *“me percebo uma pessoa melhor, uma pessoa mais apropriada pra falar de mim, sobre minha identidade de gênero e tal. Acho que me sinto bem melhor porque eu acho que você vai construindo, então aos poucos eu fui me construindo e me sentindo melhor. [...] Enquanto você não se acha fica meio complicado, mas quando você se acha, você fica mais fluido”.* Sendo assim, a construção de identidade de gênero é importante para que o indivíduo possa se constituir como pessoa, dentro de sua subjetividade constitutiva de si, e não como coisa normatizada socialmente (BEUVOIR, 1970).

Assim como afirma Butler (2003) a normatividade impõe comportamentos, roupas, condutas e outros padrões que devem ser seguidos de acordo com a identificação binária, se o indivíduo se comporta em oposição a essa binariedade ele não é bem visto na sociedade. Em consonância, os entrevistados disseram não se sentir bem em certas situações pela forma que as pessoas reagem quando percebem que eles não estão seguindo o que é dito “normal”. Sobre isso os entrevistados falaram sobre o medo de sair de casa por causa da sua identidade de gênero. Acerca desse fato o entrevistado I relatou: *“eu tenho muito medo de sair na rua e não voltar, sabe, porque é pesado, sabe, é um comentário, são os olhares, sabe. É um medo muito grande que eu tenho [...]. Isso é muito agonizante [...]. E dificuldade também que eu passo é tipo no ambiente de trabalho, eu já fui demitido no trabalho [...] quando meu patrão descobriu que eu gostava de meninos e que tinha os jeitinhos diferentes e tal, ele fez ‘não, não quero’ e me demitiu. [...] São vários lugares, trabalho, faculdade, tudo que envolve gente tem um empecilho porque as pessoas vão olhar pra mim e vão dizer ‘meu deus, é, negócio estranho é isso, né’. Quantas vezes eu já andei assim na rua e já ouvi tantas coisas, tipo ‘meu Deus, que desgraça é essa’, ‘vai ser homem’.*”

As duas construções na identidade de gênero, a binária e a não binária, podem ser comparadas já que ambas se constroem no mesmo âmbito, porém o fator diferencial seriam as formas de performance. Cada indivíduo absorve aspectos femininos e masculinos, independente do seu sexo biológico, mas sua performance de gênero irá ser diferente de indivíduo para indivíduo. Para aqueles que se identificam dentro dos padrões da normatividade impostos pelo social, através da



cultura e a seguem, acaba se tornando mais fácil performar seu gênero de acordo com seu corpo sexuado, enquanto aqueles que não se identificam e não conseguem ou não se sentem confortáveis a seguir a normatividade, é mais fácil encontrar uma maneira própria de performance de gênero. Como a resposta do entrevistado D: *“eu me percebo como uma pessoa não binária, uma pessoa mais completa... Porque quando você pensa em não binário pode surgir essa questão de não ser uma coisa total. Quando você fala em feminino e masculino, existem configurações femininas e masculinas, e o não binário vai abranger essas duas. [...] Feminino e masculino, tem entre isso e depois disso”* sendo assim é possível trazer a ideia de Butler, (2003) que não se trata do fato de rejeição de gêneros opostos, um gênero determinado ao nascer não vai, conseqüentemente, evitar características do outro gênero, mas sim gerar uma forma diferente de construção de identidade de gênero para cada indivíduo.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização dessa pesquisa foi possível perceber que o campo da construção de identidade de gênero ainda precisa ser mais explorado pela psicologia, principalmente pelo fato de que estão surgindo diferentes terminologias e nomenclaturas para identidades de gênero que antes não eram estudadas, assim como a construção de identidade de gênero fluido. Desse modo, esse estudo oportunizou aos pesquisadores e aos pesquisados uma reflexão e conseqüente ampliação do conhecimento sobre a construção de identidade em questão levando em consideração os aspectos que, atualmente, influem nos indivíduos que se identificam como gênero fluido.

Nas entrevistas com os indivíduos de gênero fluido, considerando o fato de que a maioria dos participantes queria ser identificados como sujeitos não binários, foi possível perceber como a autopercepção da construção de identidade de gênero abrange aspectos além dos femininos e masculinos e o fato de que esses indivíduos preferem ser identificados apenas como não binários, sem uma rotulação maior, é o reflexo a oposição à normatividade que visa apenas o binarismo. Sendo assim, é possível concluir que o processo de construção de identidade de gênero é um processo gradual e individual onde a normatividade é apenas um mecanismo para a iniciação desse constructo, sendo possível a partir da mesma a constatação sobre o que se quer ou do que não se quer ser.

Outro aspecto que chamou atenção nos resultados dessa pesquisa foi que, em geral, os entrevistados relataram que a família, principalmente os entes mais próximos como o pai e a mãe ou as pessoas que os criaram, como avós e tias, não reagiram bem com sua identificação de gênero, fazendo com que além de conflitos internos a respeito da desconstrução e reconstrução de crenças

e valores e preconceito fora de casa, eles ainda tinham/têm que enfrentar conflitos em casa com os entes mais próximos devido à oposição à normatividade que os indivíduos de gênero fluido representam. Esse tipo de conflito propicia situações conflitantes e desgastantes tanto para os familiares quanto para o sujeito de gênero fluido.

A presente pesquisa também mostrou que tanto a construção de identidade de gênero binária quanto a não binária ocorrem no mesmo âmbito, ou seja, acontecem na sociedade normativa. A diferença entre essas duas construções de identidade de gênero é que na construção da identidade binária a normatividade vai apenas facilitar esse processo para o indivíduo já que tal normatividade só oferece duas possibilidades de construção. Já na construção de identidade de gênero fluido, os padrões normativos vão criar obstáculos e conseqüentemente dificultar essa construção já que tal normatividade oferece apenas duas opções de construção de identidade, sendo essas duas insuficientes para contemplar a construção do gênero fluido. Devido a isso a realização dessa pesquisa se fez extremamente necessária para que a construção de identidade de gênero não binária seja estudada e abrangida.

Por meio desse estudo foi possível entender melhor acerca do processo de construção de identidade de gênero fluido, suas influências e sua importância na vida dos indivíduos pesquisados e, também foi possível compreender a influência da sociedade normativa atual nesse processo. O objetivo geral dessa pesquisa foi compreender como o indivíduo de gênero fluido constrói sua identidade de gênero dentro dos padrões normativos. E, os objetivos específicos são: a) analisar a construção de identidade de gênero dentro dos padrões normativos; b) investigar como acontece a construção da identidade de gênero de um sujeito de gênero fluido; e c) comparar a construção de identidade de gênero, dentro dos padrões normativos, com a construção de identidade de gênero fluido. Sendo possível, através dessa pesquisa, compreender e contemplar esses objetivos e outras questões ligadas a eles.

Os objetivos desse estudo foram alcançados por meio do esforço conjunto do grupo de pesquisadores para que a realização dessa pesquisa fosse possível. Essa pesquisa teve como maior desafio a captação de pessoas que se identificassem como gênero fluido para a realização da entrevista. Contudo, o empenho da equipe de pesquisadores em realizar tal pesquisa demonstrou como resultado que o estudo desta área precisa ser mais abordado pela psicologia e suas abordagens para que construções de identidade de gênero fluido e de outras identidades de gênero, que não são comumente abordadas, possam ser facilitadas e para que conseqüentemente esses indivíduos tenham um convívio melhor dentro da sociedade assim como alguns participantes também relataram.

A partir desse estudo, foi possível perceber que há características acerca da construção de identidade de gênero e aspectos que rodeiam tal processo como orientação sexual, suas relações

com o sexo biológico e a normatividade imposta que devem ser estudadas. Tais aspectos podem formular numerosos temas de pesquisa de relevância para a sociedade atual e futura dentro das prospecções futuras do meio científico psicosociológico. Aspectos sobre as relações sociais que controlam e estipulam o que é ou não aceito dentro dos temas de identidade de gênero e orientação social e suas origens, bem como as características da origem de tal comportamento devem ser formulados em temas e estudados em pesquisas científicas.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Neuma. **Gênero e Ciências Humanas**: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997. Disponível em: <<https://we.riseup.net/assets/127559/versions/1/Aguiar,%20Neuma%20Gênero%20e%20Ciências%20Humanas.pdf#page=45>>. Acesso em 11 de jun. de 2018.

ALMEIDA, Némesio Vieira. A entrevista psicológica como um processo dinâmico e criativo. **Revista de Psicologia da Vetor Editora**. Vol. 5, nº.1, pp. 34-39, 2004.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: A experiência vivida. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: Fatos e Mitos. 4. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CRUZ NETO, Otávio; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). **Pesquisa Social**: Teoria, método e criatividade. 7ª edição. Petrópolis: Vozes, 1997.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

FAUSTO-STERLING, Anne. **Cuerpos sexuais**: la política de género y la construcción de la sexualidad. Barcelona: Melusina, 2006.

FREITAG, Barbara. **Itinerários de Antígona**: a questão da moralidade. 4. ed. Campinas, SP: Papirus, 1992.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisas sociais**. São Paulo: Atlas, 2008.

HEILBORN, Maria. **Fronteiras simbólicas: gênero, corpo e sexualidade**. Cadernos Cepia. Rio de Janeiro. V. 5, p. 73-92, 2002.

LOPES, Maria Imaculata Vassalo. **Pesquisa em Comunicação: formulação de um modelo metodológico**. 8. ed. São Paulo, Loyola, 2005.

PINHO, Raquel; REIS, Neilton dos. Gêneros não-binários: identidades, expressões e educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, 2016.

ROSA, Cristiano. A identidade real do gênero fluido. **Jornal NH**, Novo Hamburgo, 2017. Disponível em: <[http://jornalnh.com.br/\\_conteudo/2017/05/blogs/cotidiano/questao\\_de\\_genero/2116936-a-identidade-real-do-genero-fluido.html](http://jornalnh.com.br/_conteudo/2017/05/blogs/cotidiano/questao_de_genero/2116936-a-identidade-real-do-genero-fluido.html)>. Acesso em: 06 de maio de 2017.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria de análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, 1995.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. **Revista Projeto História**. São Paulo, n.45, pp. 327-351, dez. 2012

SEGATO, Rita. **Os percursos do gênero na antropologia e para além dela**. Série Antropologia. Brasília: Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 1998.

TORRÃO FILHO, Amílcar. **Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam**. Cadernos Pagu, Campinas-SP, pp.127-152, janeiro-junho, 2004.